
FERREIRA GUEDES, C. & GHIRINGHELLO SATO, F. & HATAKEYAMA JOIA; J. ¿Cuánto tiempo de atención? La intensidad de los encuentros hasta la posibilidad de historización. INFEIES – RM, 4 (4). Debates Contemporáneos - Mayo 2015: <http://www.infeies.com.ar>

¿Cuánto tiempo de atención? La intensidad de los encuentros hasta la posibilidad de historización

Carina Ferreira Guedes
carinafguedes@gmail.com
Fernanda Ghiringhello Sato
fernandagsato@gmail.com

Núcleo Entretempos: psicanálise e assistência social

Julia Hatakeyama Joia
julia.joia@gmail.com
Coletivo Itinerante de Acompanhamento Terapêutico

Resumen

En este artículo se presenta una reflexión sobre el trabajo cotidiano de los profesionales de servicios de Asistencia Social dirigidos a los niños y adolescentes en situación de vulnerabilidad social.

Para esto, se han utilizado viñetas de la práctica ocurridas en distintas instituciones de São Paulo - Brasil. El texto privilegia la mirada hacia cómo se ven afectados los profesionales. Afectación generada en las intensidades de los encuentros y en los procesos de vulnerabilización inherentes al trabajo. Nos preguntamos cómo la dimensión afectiva puede ser utilizada en la construcción de enlaces potentes. Se ubican en relieve dos temporalidades, provenientes de la práctica: la urgencia y la cronicidad, que expresan la ambivalencia, tanto en las demandas presentadas por los niños como en las acciones de los profesionales.

Se priorizan en la discusión los conceptos freudianos de transferencia, trauma y desamparo en la medida que ofrecen recursos teóricos para comprender las experiencias violentas, traumáticas o los efectos de la invisibilidad que viven los niños y adolescentes. Finalmente, se pretende contribuir a la reflexión sobre las intervenciones en dichas situaciones del cotidiano institucional, considerando la dimensión de la historización como otra temporalidad posible para el trabajo.

Palabras clave

Psicoanálisis – Institución – Infancia – Transferencia - Historización.

FERREIRA GUEDES, C. & GHIRINGHELLO SATO, F. & HATAKEYAMA JOIA; J. ¿Cuánto tiempo de atención? La intensidad de los encuentros hasta la posibilidad de historicización. INFEIES – RM, 4 (4). Debates Contemporáneos - Mayo 2015: <http://www.infeies.com.ar>

¿Qual o tempo para o cuidar? Da intensidade dos encontros à possibilidade de historicização

Carina Ferreira Guedes
carinafguedes@gmail.com
Fernanda Ghiringhello Sato
fernandagsato@gmail.com

Núcleo Entretempos: psicanálise e assistência social

Julia Hatakeyama Joia
julia.joia@gmail.com
Coletivo Itinerante de Acompanhamento Terapêutico

Resumo

Este artigo realiza uma reflexão sobre o cotidiano de trabalho dos profissionais dos serviços da Assistência Social voltados a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Para isso, utilizou-se de vinhetas de atendimentos ocorridos em diferentes instituições voltadas para essa população, em São Paulo - Brasil. Priorizou-se o olhar para as afetações dos profissionais, derivadas das intensidades dos encontros e dos processos de vulnerabilização decorrentes, indagando-se como a dimensão afetiva pode ser utilizada na construção de vínculos potentes para o trabalho. Destacou-se duas temporalidades proeminentes nesses atendimentos: a urgência e a cronificação, que expressam ambivalências tanto nas demandas trazidas pelas crianças como nas ações dos profissionais. Os conceitos freudianos de transferência, trauma e desamparo foram priorizados na discussão, na medida em que oferecem subsídios teóricos para compreender essas transmissões de experiências violentas, traumáticas ou de invisibilidade vividas pelas crianças e adolescentes. Por fim, buscou-se contribuir na reflexão sobre os manejos dessas situações no cotidiano institucional, trazendo a dimensão da historicização como outra temporalidade possível para o trabalho.

Palavras-chave

Psicanálise – Instituição – Infância – Transferência - Historicização

FERREIRA GUEDES, C. & GHIRINGHELLO SATO, F. & HATAKEYAMA JOIA; J. ¿Cuánto tiempo de atención? La intensidad de los encuentros hasta la posibilidad de historización. INFEIES – RM, 4 (4). Debates Contemporáneos - Mayo 2015: <http://www.infeies.com.ar>

Which temporality for care? From the intensity of encounters to the possibility of historicizing

Carina Ferreira Guedes
carinafguedes@gmail.com
Fernanda Ghiringhello Sato
fernandagsato@gmail.com

Núcleo Entretempos: psicanálise e assistência social

Julia Hatakeyama Joia
julia.joia@gmail.com
Coletivo Itinerante de Acompanhamento Terapêutico

Abstract

This article aims to discuss the routine of social assistance professionals working with children and adolescents in social vulnerability. For this purpose, we'll use vignettes of assistances in different institutions, in São Paulo, Brazil. It focuses on the effects on the professionals, related to the intensity of the encounters with the children and the adolescents and the vulnerability of processes this work involves, in order to reflect on how these effects can result in stronger connections/bonds. It highlights two temporalities in the assistance: the urgency and the chronification as expressions of ambivalences on the demands of the children and the adolescents as well as the actions of the professionals. The Freudian concepts of Transference, Trauma and Helplessness are brought into discussion, as they allow to comprehend how violent, traumatic and, in many cases, invisible are the experiences of these children and adolescents. Therefore, the article aims to contribute with the reflection on these situations, bringing the dimension of historicizing as another possible temporality in the assistance.

Keywords

Psychoanalysis – Institution – Childhood – Transference - Historicizing.

FERREIRA GUEDES, C. & GHIRINGHELLO SATO, F. & HATAKEYAMA JOIA; J. ¿Cuánto tiempo de atención? La intensidad de los encuentros hasta la posibilidad de historización. INFEIES – RM, 4 (4). Debates Contemporáneos - Mayo 2015: <http://www.infeies.com.ar>

¿Cuánto tiempo de atención? La intensidad de los encuentros hasta la posibilidad de historización

Carina Ferreira Guedes
carinafguedes@gmail.com
Fernanda Ghiringhello Sato
fernandagsato@gmail.com

Núcleo Entretempos: psicanálise e assistência social

Julia Hatakeyama Joia
julia.joia@gmail.com
Coletivo Itinerante de Acompanhamento Terapêutico

*Quando já não havia outra tinta no mundo
o poeta usou do seu próprio sangue.
Não dispenho de papel, ele escreveu no próprio corpo.
Assim, nasceu a voz, o rio em si mesmo ancorado.
Mia Couto*

Este artículo aborda a prática de profissionais que lidam com crianças e adolescentes considerados em situação de risco em instituições ligadas à proteção especial da Assistência Social¹. Inscreve-se, assim, no campo de atenção e cuidado a essa população e na busca de garantia de seus direitos assegurados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Lei Federal n. 8.069, 1990)

No Brasil, na última década, o campo da Assistência Social como política pública tem sido marcado pela implementação do Sistema Único de Assistência Social (Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2005), com a criação, a municipalização e o reordenamento de serviços. Nesse contexto, também foram elaboradas leis, documentos e parâmetros de funcionamento às instituições na intenção de oferecer diretrizes e propostas de ações condizentes com as novas premissas legais, tais como o

¹A Assistência Social no Brasil é orientada a partir da garantia de direitos. Os serviços são divididos entre Proteção Básica, voltada à prevenção da violação de direitos, e Proteção Especial, nos casos em que a violação de direitos já ocorreu.

FERREIRA GUEDES, C. & GHIRINGHELLO SATO, F. & HATAKEYAMA JOIA, J. ¿Cuánto tiempo de atención? La intensidad de los encuentros hasta la posibilidad de historización. INFEIES – RM, 4 (4). Debates Contemporáneos - Mayo 2015: <http://www.infeies.com.ar>

Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente/ Conselho Nacional de Assistência Social, 2006), as Orientações técnicas para os serviços de acolhimento para crianças e adolescentes (CONANDA/CNAS, 2008) e o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Lei nº 12.594, 2012)

A reformulação e construção de práticas coerentes com as legislações vigentes tem sido apontada como um dos desafios nesse processo (Fávero, Vitale & Baptista, 2008; Silva, 2004) Entendemos que para que seja possível construir práticas que efetivamente considerem a complexidade do cotidiano e as premissas legais é fundamental valorizar a produção de conhecimento que tenha como origem os cotidianos institucionais e que retorne a eles trazendo outros prismas de análise e contribuindo para a reflexão sobre as práticas realizadas.

As questões que aqui serão discutidas surgiram em grupo de estudos ocorrido entre os anos de 2009 a 2011, impulsionado pela necessidade de refletir e elaborar as situações do cotidiano de trabalho em distintos serviços voltados a infância e juventude. Este foi um dos dispositivos que encontramos para pensar sobre as questões relacionadas ao tema e para elaborar a visceralidade das histórias e das situações vividas, que tanto nos tocavam, paralisavam e provocavam.

Esse trabalho busca, portanto, abrir reflexões sobre o cotidiano de trabalho do profissional, principalmente a partir da relação que se estabelece entre profissional e criança ou adolescente. Para a composição do texto, partimos de nossa experiência em distintas práticas que compõem a rede de atendimento: a) em um serviço de abordagem de rua e acompanhamento de crianças e adolescentes em situação de rua e suas famílias; b) na atuação em equipe técnica de um serviço de acolhimento institucional; e c) em trabalho de apoio a equipes profissionais que atuam com jovens em conflito com a lei.

FERREIRA GUEDES, C. & GHIRINGHELLO SATO, F. & HATAKEYAMA JOIA; J. ¿Cuánto tiempo de atención? La intensidad de los encuentros hasta la posibilidad de historización. INFEIES – RM, 4 (4). Debates Contemporáneos - Mayo 2015: <http://www.infeies.com.ar>

Nessas práticas, há entraves comuns ao trabalho dos profissionais, e que, em boa parte, dizem respeito à constituição e ao manejo da relação cotidiana estabelecida com as crianças e os adolescentes. Partimos, portanto, das afetações dos profissionais decorrentes do trabalho, de forma a pensar como o conceito de transferência pode ajudar na reflexão sobre essas práticas, no sentido de propiciar a construção de vínculos potentes para o trabalho. Ao longo do texto, priorizamos a escrita e discussão de pequenas cenas institucionais, na intenção de contemplar tanto os diferentes momentos cotidianos dos serviços, quanto o que singularmente vemos se repetir nos diversos equipamentos que compõe a rede de assistência. Na escrita das cenas, foram alterados dados para resguardar o sigilo dos atendidos e das instituições.

Intensidades nos encontros: corpo e desamparo

Inicialmente, gostaríamos de chamar a atenção para importantes marcas dos atendimentos e acompanhamentos realizados nesse campo: a intensidade dos encontros, o envolvimento do profissional e as ressonâncias de tais características para o trabalho realizado. Estar junto, testemunhar e experimentar com a criança ou adolescente a intensidade das relações e das vivências do mundo permite a construção de uma sintonia entre as partes, a partir da qual o trabalho torna-se possível. Winnicott (1984/2005) afirma: “essas crianças (...) não conseguirão nada se alguém, de fato, não se envolver emocionalmente com elas. A primeira coisa que as crianças fazem, quando começam a ter esperança, é meterem-se na pele de outrem” (p. 80) Esse tipo de trabalho exige, portanto, além de condições técnicas, o envolvimento do profissional enquanto sujeito, uma vez que é necessário sustentar uma aposta nas crianças também enquanto sujeitos.

FERREIRA GUEDES, C. & GHIRINGHELLO SATO, F. & HATAKEYAMA JOIA; J. ¿Cuánto tiempo de atención? La intensidad de los encuentros hasta la posibilidad de historización. INFEIES – RM, 4 (4). Debates Contemporáneos - Mayo 2015: <http://www.infeies.com.ar>

O corpo aparece como lugar privilegiado da afetividade e da afetação produzidas nesses encontros. Representa um importante lugar de investimento de ofertas de cuidado, tais como banhos, cortes de cabelos ou pintura de unhas, que podem recolocar o sujeito em lugar de maior dignidade. Da mesma forma, os cuidados em saúde podem representar o contato com um corpo frágil e sensível que revela seus machucados e marcas de sua história. Uma vez que o corpo transcende os cuidados físicos, embora possa através destes se constituir, tais situações podem ser vividas na relação como oferta de cuidado que proporciona um lugar ao sujeito.

O corpo também expressa os conflitos vividos pelas crianças que, na dificuldade de serem elaborados, são repetidos na ação (Freud, 1914/1974) Assim, quando a linguagem falha ou é insuficiente para dar contorno às situações em que a angústia prevalece, é o comportamento que continua a falar (Dolto, 1980) Dessa forma, chutes, agressões, ameaças e vômitos, muitas vezes, configuram-se como ditos possíveis desses conflitos.

Nessas situações, o corpo do profissional também é convocado, seja em momentos de necessidade de contenção física a fim de aplacar agressões, seja por meio de abraços e ofertas de colo que marcam e dão lugar à confiança na relação. Assim, o profissional radicaliza sua exposição e possibilita maior disponibilidade de um corpo terapêutico, que é frequentemente investido da violência às quais as crianças estão expostas, oferecendo-se como continente e contentor.

A experiência desse contato, ao tornar os corpos dos profissionais permeáveis às transmissões que compõem o cotidiano das crianças e adolescentes, também os vulnerabiliza. Tal vulnerabilidade e exposição, quando não trabalhadas pela equipe, tornam-se difíceis de serem suportadas, pois assumem caráter ameaçador e são, assim, evitadas. Abrir a porta do abrigo, diante do embate entre a regra institucional e a ameaça do adolescente, por exemplo, mostra a dificuldade de enfrentar essas

FERREIRA GUEDES, C. & GHIRINGHELLO SATO, F. & HATAKEYAMA JOIA; J. ¿Cuánto tiempo de atención? La intensidad de los encuentros hasta la posibilidad de historización. INFEIES – RM, 4 (4). Debates Contemporáneos - Mayo 2015: <http://www.infeies.com.ar>

situações. A fuga consentida do adolescente pode se apresentar como resolução possível, eximindo o profissional de lidar com o caráter conflitante da situação e vulnerabilizador da relação. Nesse caso, como em muitos outros, a tentativa de discriminação e de distanciamento entre profissional e atendido se presentifica no corte brusco da relação e do trabalho.

A dificuldade em lidar com a vulnerabilidade e com a intensidade decorrentes do contato entre profissionais e público atendido existe quando mobiliza aspectos relacionados ao desamparo, definido por Marin (2002) como:

estado de impotência em que o sujeito se encontra para dar conta de uma situação vivida como traumática, pelo excesso de tensão ou excitação que o aparelho psíquico não dá mais conta de elaborar. A angústia é sinal evidente dessa situação de perigo. (p. 133)

Na medida em que há vivências subjetivas que as crianças não conseguem elaborar, muitas vezes as marcas dessas vivências irrompem em situações nas quais os afetos aparecem de forma não simbolizada e carregados de angústia. A intensidade dos encontros está, nesse sentido, relacionada ao desamparo, pois a ameaça vivida pelos profissionais relaciona-se com esta transmissão, mobilizando neles seu próprio desamparo, que, se não puder ser cuidado, gera reações defensivas.

De modo a ilustrar essas ideias, apresentaremos uma cena de um adolescente atendido em uma instituição:

Havia duas semanas em que Leonardo estava irritado, intolerante, questionando e burlando insistentemente as regras e combinados: brigava para utilizar o computador além do tempo permitido, largava seus pertences por toda a instituição, enrolava para tomar banho, para lavar sua louça, assim provocando atrasos de todos para as atividades que não queria fazer. Também desafiava as ordens dos funcionários, debochando deles ou fingindo que não os ouvia. Além

FERREIRA GUEDES, C. & GHIRINGHELLO SATO, F. & HATAKEYAMA JOIA; J. ¿Cuánto tiempo de atención? La intensidad de los encuentros hasta la posibilidad de historización. INFEIES – RM, 4 (4). Debates Contemporáneos - Mayo 2015: <http://www.infeies.com.ar>

disso, anunciava que sua mãe havia passado a ser Renata, uma mulher que conhecia e que lhe oferecia certa proteção.

Nesse período, os educadores, a fim de evitar conflitos, também “deixavam passar” os combinados descumpridos, as regras ignoradas, os deboches e mesmo a declaração de Leonardo. A tensão e a irritação, porém, cresciam de ambos lados, tornando a situação cada vez mais insustentável. Uma noite, enquanto discutiam sobre o limite do uso do computador, entre deboches e falas de Leonardo de que “Renata deixaria”, o educador apontou a ele que Renata não era sua mãe verdadeira, que ele estava no abrigo e que deveria obedecer as regras de lá. Leonardo então “explodiu”, ameaçando jogar um extintor de incêndio e cadeiras no educador e nas outras crianças, apontando-lhe uma faca. O conflito e a tensão se estenderam por mais de meia hora, até que finalmente o educador o conteve abraçando-o.

Notamos, inicialmente, uma situação de evitação do conflito: Leonardo, ao não pensar sobre a falta de sua mãe e ao não querer lidar com as regras institucionais; a equipe, ao “deixar passar”, sem apontar ou tomar alguma atitude frente ao que ocorria. Assim, Leonardo e profissionais se eximiam de sua responsabilidade, em uma tentativa de neutralizar o que podia ser disruptivo. Porém, na medida em que a violência, a intensidade e a angústia são negadas, omitidas ou tamponadas, também o é a possibilidade de simbolização. Dessa maneira, tanto Leonardo quanto os profissionais permaneciam duplamente expostos a situações potencialmente traumáticas, seja pelas vivências e pela ausência de um discurso que as contenha, seja pela negação dessa situação, que dificulta seu processo de elaboração.

Marin (1998) denomina de violência branca o funcionamento institucional que busca neutralizar os conflitos, silenciando-se diante das situações de disrupção. Relaciona essa postura à ilusão de um mundo sem antagonismos, o que, muitas vezes pode

FERREIRA GUEDES, C. & GHIRINGHELLO SATO, F. & HATAKEYAMA JOIA, J. ¿Cuánto tiempo de atención? La intensidad de los encuentros hasta la posibilidad de historización. INFEIES – RM, 4 (4). Debates Contemporáneos - Mayo 2015: <http://www.infeies.com.ar>

funcionar de modo a negar e invisibilizar os processos sociais que produzem vulnerabilidade a uma parcela da população.

O conflito, entretanto, mesmo quando evitado, continua a existir. Na cena é possível destacar a transmissão do mal-estar não formulado pelo adolescente para os educadores, que o recebem irritando-se de tal forma que reagem, provocando a explosão do conflito latente.

A intensidade presente no trabalho, sentida pelo próprio corpo, algumas vezes sob a forma de ataques violentos, como na cena com Leonardo, outras de um silêncio maciço e persistente, correspondem à comunicação transferencial de marcas de experiências violentas, traumáticas ou de invisibilidade vividas pelas crianças e que são transmitidas, geralmente em estado bruto, aos que trabalham com elas.

Essas repetições, como forças atuais, oferecem o tom do encontro e podem produzir diferentes efeitos. Por um lado, no sentido de uma reatualização, significam um sinal de esperança, de um pedido dirigido ao outro que pode abrir possibilidades e potencializar o atendimento. Por outro, provocam o desamparo do próprio profissional que é convocado de forma crua e urgente. Assim, a questão que se delinea é: como trabalhar de modo a evitar que tais encontros sejam vividos como ameaças de contaminação e indiscriminação, acarretando respostas reativas, e possam ser elaborados, transformando-se em instrumentos potencializadores do próprio trabalho?

O conceito de transferência é utilizado para compreender o processo da relação entre analista e paciente, mas também permite a compreensão das transmissões que se reproduzem em quaisquer relações significativas. Segundo Freud, na transferência

o paciente vê nele [médico] o retorno, a reencarnação, de alguma importante figura saída de sua infância ou do passado, e, conseqüentemente, transfere para ele sentimentos e reações que, indubitavelmente, aplicam-se a esse protótipo.

www.infeies.com.ar - infancia@mdp.edu.ar

Dean Funes 3250 (7600) Mar del Plata, Buenos Aires Argentina

Tel 54-0223-4752266

FERREIRA GUEDES, C. & GHIRINGHELLO SATO, F. & HATAKEYAMA JOIA, J. ¿Cuánto tiempo de atención? La intensidad de los encuentros hasta la posibilidad de historización. INFEIES – RM, 4 (4). Debates Contemporáneos - Mayo 2015: <http://www.infeies.com.ar>

Essa transferência logo demonstra ser um fator de importância inimaginável, por um lado, instrumento de insubstituível valor e, por outro, uma fonte de sérios perigos. (Freud, 1938/ 1974, p. 202)

A transferência, nesse sentido, presentifica modos de relações anteriores, e assim permite trabalhar, a partir dos afetos e representações atuais, a maneira do sujeito se colocar frente ao outro. Seu bom uso, portanto, é um instrumento valioso e indispensável para compreender as relações em jogo. Entretanto, para que seja possível operar com ele, este deslocamento de afetos precisa ser trabalhado também por aquele que o recebe. Quando os profissionais podem tomar consciência de seus próprios sentimentos, nas situações vividas no trabalho, essas transmissões deixam de ser somente assustadoras e invasivas, permitindo uma maior compreensão do que está implicado na relação, do ponto de vista de quem atende e de quem é atendido.

Nesse sentido, espaços de reflexão, supervisão, reuniões de equipe e discussões de caso podem possibilitar a elaboração dos afetos e experiências vividas no cotidiano de trabalho. Entretanto, tais momentos, apesar de se mostrarem fundamentais na potencialização das ações, nem sempre têm um espaço garantido. O excesso de demanda, as convocações urgentes, assim como o tempo esvaziado que a repetição e a cronificação das ações produzem, muitas vezes impedem a abertura de um tempo de escuta, que permita a reflexão sobre o trabalho, a ressignificação das demandas e a historicização dos casos.

Vigora uma dupla temporalidade: o tempo da urgência, que parece exigir uma resposta imediata, seja ela qual for, e o tempo cronificado, no qual o pedido em forma de explosão repete-se insistentemente, uma vez que as estratégias de manejo parecem produzir poucas ou nenhuma marca. É sobre essas temporalidades, que também surgem como defesa frente a angústia, que nos deteremos, a fim de pensar,

FERREIRA GUEDES, C. & GHIRINGHELLO SATO, F. & HATAKEYAMA JOIA; J. ¿Cuánto tiempo de atención? La intensidad de los encuentros hasta la posibilidad de historización. INFEIES – RM, 4 (4). Debates Contemporáneos - Mayo 2015: <http://www.infeies.com.ar>

entre a urgência e a cronificação, qual o tempo possível de cuidado na relação com essas crianças e adolescentes.

Temporalidades no atendimento

No contato com profissionais que atendem crianças e jovens em situação de risco, é constante ouvi-los falando que trabalham “apagando incêndios”. Vivem cenas em que são solicitados a atender e a tentar dar conta de inúmeras situações que se apresentam como urgentes, sejam elas pedidos por comida, por vaga em abrigo, brigas e explosões cotidianas, até situações em que a vida da criança está em risco iminente. Somam-se a isso as turbulências trazidas pelos próprios contextos de intervenção que proporcionam uma sensação de ameaça permanente de descontinuidade e fragmentação do trabalho e da relação conquistada.

Há a convocação para uma temporalidade do imediato, a qual, na exigência de respostas urgentes, suscita movimentos reativos, em que há pouco espaço para a construção de estratégias de trabalho mais efetivas. A sensação é a de que “não há tempo a perder” e os educadores veem-se pessoalmente implicados neste pedido, mobilizados pela emergência e pelo apelo afetivo visceral da situação. Em estado bruto se recebe e, da mesma maneira, se responde, o que provoca a simplificação do pedido e a fragmentação das respostas, uma vez que o imediatismo dificulta a compreensão da cena. Assim, perde-se de vista o sujeito e sua biografia, tornando as respostas limitadas a um repertório restrito, na medida em que a finalidade passa a ser mais aplacar a tensão, dos atendidos e da equipe, do que entender o que está sendo transmitido na relação existente.

FERREIRA GUEDES, C. & GHIRINGHELLO SATO, F. & HATAKEYAMA JOIA; J. ¿Cuánto tiempo de atención? La intensidad de los encuentros hasta la posibilidad de historización. INFEIES – RM, 4 (4). Debates Contemporáneos - Mayo 2015: <http://www.infeies.com.ar>

Nestas situações, há um dizer do sujeito que permanece sem destinatário e que insiste em ser ouvido, repetindo-se em urgências diversas. O relato abaixo exemplifica esta repetição:

Depois de alguns dias, Pedro aparece novamente. Está sujo, a cara cansada e sonada denuncia as noites de viração que provavelmente se seguiram à saída da casa da mãe. Sento à mesa com ele, em silêncio, e vejo seu sorriso maroto despontar, a vergonha desavergonhada de saber que me repetirá uma conhecida história, e que eu, muito possivelmente, lhe direi novamente que sua mãe já ligou para dizer que ele saiu de casa, detalhando qual fora a quantia de dinheiro ou os objetos que desapareceram desta vez. Também, com grandes chances, questionarei porque o nosso último combinado foi descumprido e ficaremos assim, sem saber o que dizer.

Esta cena sugere uma situação de esgotamento de intervenções. A impressão é a de que o histórico de acompanhamento esvazia-se e mais uma vez retorna-se à estaca zero no trabalho. A repetição remete à sensação de um eterno recomeço na relação com estas crianças, que poucas marcas produz e que dificilmente não é absorvido pelo “eterno retorno do mesmo” (Freud, 1920/1974, p. 182)

Frente a esse vazio, há frequentemente a sensação de impotência dos profissionais, que facilmente se desdobra em culpabilização do sujeito pela não resposta ao trabalho, ou em desistência: “não tem mais jeito”, “foi feito tudo o possível” ou “é assim mesmo”. Outras vezes, a ruptura vem por parte dos próprios atendidos, que cortam os laços, provocando na equipe a ambivalente sensação de alívio. Há ainda desistências que não são formuladas como tal, mas que se apresentam em casos que, pouco a pouco, são silenciados e caem no esquecimento, ou que passam a ocupar um lugar estagnado e pouco investido no discurso dos profissionais, os casos “crônicos”.

Este silêncio também atinge os profissionais, que se calam, impotentes, em um anestesiamiento. Perde-se o olhar para o novo, e onde viam urgência, veem rotina.

FERREIRA GUEDES, C. & GHIRINGHELLO SATO, F. & HATAKEYAMA JOIA; J. ¿Cuánto tiempo de atención? La intensidad de los encuentros hasta la posibilidad de historización. INFEIES – RM, 4 (4). Debates Contemporáneos - Mayo 2015: <http://www.infeies.com.ar>

Não há mais estranhamento, pois os casos passam a ser tratados como “mais um” e as histórias ouvidas como repetições idênticas: há a generalização de situações e intervenções e, conseqüentemente, perde-se o sujeito, singular, de vista. Diante dessa situação, os lugares dos profissionais e dos atendidos permanecem também cronificados e muitas vezes misturados, impossibilitados de serem ressignificados, de se configurarem de outras formas de modo a permitir a circulação das falas.

É o que vemos na cena com Pedro, na qual os dois, profissional e adolescente, silenciam paralisados, como se não houvesse nada mais a ser dito ou elaborado. Há um desgaste que aparece muitas vezes como resposta ao investimento na urgência, das várias ações que se faz em busca de “dar conta”, de achar uma resposta frente à situação de vulnerabilidade na qual a criança se apresenta e que terminam, na maioria das vezes, por cair em um vazio. Para que seja possível suportar e trabalhar com a repetição, habitar e testemunhar o vazio das falas para que algo possa emergir, cabe ao profissional escutar. Escuta esta, que para existir, depende de uma aposta do profissional no trabalho a ser realizado, no desejo de ouvir e na possibilidade de elaborar o encontro, para além da culpabilização própria ou do atendido.

Os dois registros do tempo que destacamos, embora aparentemente opostos, são interdependentes. O tempo da urgência, da desproteção absoluta que leva ao limite da morte, de um imediato que renasce a cada segundo, se mistura e se confunde com uma repetição de circuitos mortíferos, em que as estratégias e marcas parecem esvanecer sem deixar rastro. Tudo está por um fio, entretanto permanece imutável.

Para compreender estas temporalidades que fogem ao registro linear e cronológico e o porquê de se apresentarem no contato com essas crianças, é possível pensar sobre a exposição dessas crianças e dos profissionais à situações traumáticas, nas quais há um registro particular do tempo. O traumatismo produz uma ruptura, correspondendo a algo que emerge de surpresa e que escapa à trama de saber do sujeito. Este instante

FERREIRA GUEDES, C. & GHIRINGHELLO SATO, F. & HATAKEYAMA JOIA; J. ¿Cuánto tiempo de atención? La intensidad de los encuentros hasta la posibilidad de historización. INFEIES – RM, 4 (4). Debates Contemporáneos - Mayo 2015: <http://www.infeies.com.ar>

do traumático se repete, como uma incessante tentativa de controlar o que excedeu à possibilidade de representação. A vivência de uma situação tida como traumática está intimamente ligada ao desamparo, no qual a características de excesso e a impossibilidade de representação predominam, dificultando a construção de uma fala sobre o sofrimento e o endereçamento de uma demanda. Nesse sentido, trata-se de algo que não pode ser simbolizado, mas tampouco pode ser esquecido, e que é vivenciado pelo sujeito como um presente que se faz absoluto e crônico.

Seligman-Silva (2008), assinala que o traumático corresponde a um registro literal (a repetição do mesmo), imemorável (no qual o passado é presente) e inumano (da ordem das marcas, e não de traços significativos) A temporalidade aparece, portanto, como um paradoxo: há algo que insiste na presentificação pela via da repetição, mas que não se inscreve, não é historicizado, visto que não há memória possível.

Dessa forma, o trabalho consiste justamente na construção da possibilidade do sujeito narrar, endereçar a alguém um apelo, que possibilite que as palavras possam circular e que o sujeito se historicize. Nas palavras de Rosa, Berta, Carignato e Alencar (2009):

Para recompor um lugar discursivo, para que faça laço social, é preciso reconstruir a história perdida na memória, reconstrução que já implica uma deformação, permitindo o luto e uma resposta à ficção, uma reinterpretação do passado que modifique o seu lugar. (p. 503)

Aparece como elemento chave neste trabalho, portanto, o testemunho, como lugar de continência e acolhimento, além do respeito à dificuldade do sujeito em narrar sua história, possibilitando que se possa oferecer escuta, palavra e presença (Rosa et al, 2009), na tentativa de representar o indizível.

Historicizações possíveis

FERREIRA GUEDES, C. & GHIRINGHELLO SATO, F. & HATAKEYAMA JOIA, J. ¿Cuánto tiempo de atención? La intensidad de los encuentros hasta la posibilidad de historización. INFEIES – RM, 4 (4). Debates Contemporáneos - Mayo 2015: <http://www.infeies.com.ar>

Entre a oferta de testemunho e a construção de temporalidades e historicizações possíveis, trazemos um outro relato de acompanhamento:

A falta de história sobre Luciano impressionava a todos. Nada ele dizia e ninguém na rua ou em outro lugar parecia conhecer algo sobre ele. Mesmo na instituição, que ele já frequentava inconstantemente há alguns anos, pouco havia sido construído, quase nada se sabia.

Pedimos a todos os educadores que registrassem no prontuário de Luciano qualquer acontecimento, por menor que fosse, para construir, dar espessura aonde só parecia ter buracos. Assim, as vindas dele, fossem para usar o banheiro, subir e olhar, tomar um copo d'água ou entrar, deitar e dormir, que muitas vezes duravam poucos e silenciosos minutos, passaram a ganhar linhas detalhadas em nossa pasta.

A exigência deste registro colocou Luciano em outro lugar no projeto: os educadores começaram a olhar de forma diferenciada para suas aparições e, onde antes havia uma reclamação do mau uso que Luciano fazia do espaço, passou a existir o entendimento de que é o uso e a história possível no momento. Começaram a serem construídas perguntas, enigmas, um querer saber: um menino que enfim se desenha.

Luciano era considerado pela instituição como um caso crônico: conhecido do projeto e da rede de atendimento há anos, parecia sempre escapar aos encontros, estabelecendo com apenas algumas pessoas um vínculo tênue, fugidio e breve. Frequentava a instituição esporadicamente, sem respeitar regras ou procurar interagir com as pessoas que lá estavam. Os encontros pareciam não produzir marcas, os profissionais eram confundidos e ele parecia sempre se esquivar. A equipe pouco a pouco começou a se incomodar com os pedidos de poucas palavras de Luciano, que se esvaziavam rapidamente sem aparentemente se desdobrar em alguma coisa. Em um primeiro momento, a equipe pensou em como colocar restrições, fazendo uso das regras institucionais para tentar assegurar que ele circulasse, falasse e contasse a que vinha. Este movimento pode ser entendido de forma análoga ao que acontece na cena

FERREIRA GUEDES, C. & GHIRINGHELLO SATO, F. & HATAKEYAMA JOIA; J. ¿Cuánto tiempo de atención? La intensidad de los encuentros hasta la posibilidad de historización. INFEIES – RM, 4 (4). Debates Contemporáneos - Mayo 2015: <http://www.infeies.com.ar>

com Leonardo: o mal-estar se instala e os profissionais, sentindo-se expostos, angustiam-se e buscam maneiras de cessar a tensão.

Sua errância e inconstância nos pedidos e andanças pelas ruas evidenciavam, no entanto, o quanto não era o conteúdo da fala do Luciano que deveria ser escutado, mas sim seu posicionamento frente às pessoas e a possibilidade de dirigir sua fala a alguém. A intervenção relatada, assim, foi no sentido de tomar suas menores e mais tímidas ações como uma fala endereçada a alguém, mesmo que o significado não fosse de antemão compreendido. Os educadores responderam, sem necessariamente atender aos pedidos de Luciano, a partir da transferência.

Os profissionais passaram a ressignificar as mesmas ações cotidianas como uma história que estava sendo construída e da qual eles eram participantes ativos e indispensáveis. Houve uma mudança de posição dos educadores, que começaram a enxergar potência no trabalho com Luciano e testemunhar de fato o que ele contava. O prontuário ganhou um estatuto diferenciado de sua função burocrática e formal e passou a ser uma ferramenta importante no trabalho com esse menino. Suas ações, na medida em que eram marcadas e registradas e, a partir de um olhar singularizado, puderam, retroativamente, oferecer um lugar de pertencimento, a partir do qual ele pode começar a se referenciar e a falar de si. Esta mudança também passou por uma construção do grupo em responsabilizar-se pelo trabalho e assumir um posicionamento ético pautado na singularidade do sujeito. Na medida em que se configurava como uma linha que costurava os encontros com cada profissional, o prontuário servia também para diminuir a fragmentação que geralmente existe em instituições de atendimento.

A construção desta história de Luciano exigiu, portanto, que se colocassem em segundo plano as informações sobre ele que poderiam ser buscadas nos Conselhos Tutelares ou nas redes formais e informais. Priorizou-se partir do seu modo de se

FERREIRA GUEDES, C. & GHIRINGHELLO SATO, F. & HATAKEYAMA JOIA, J. ¿Cuánto tiempo de atención? La intensidad de los encuentros hasta la posibilidad de historización. INFEIES – RM, 4 (4). Debates Contemporáneos - Mayo 2015: <http://www.infeies.com.ar>

relacionar e do que ele próprio podia contar sobre si para construir junto a ele uma possibilidade de historicização de sua vida.

Entendemos como historicização o processo de construção de narrativas que possibilitem ao sujeito criar inscrições simbólicas para o vivido. Assim, não se trata de saber os fatos, de contar tudo, de falar a verdade ou de interpretar acontecimentos e sentimentos. Não há compromisso com a verdade dos fatos ou das interpretações sobre estes, mas sim com a verdade do sujeito e com sua capacidade de situar-se em relação a si e aos outros.

Do ponto de vista da instituição, apontamos para a necessidade de criação ou reformulação de dispositivos que permitam a historicização das ações e o investimento na singularidade e no desejo, tanto dos atendidos quanto dos profissionais. Não se trata da criação de intervenções mirabolantes, mas, como no caso de Luciano, de desburocratizar os instrumentos de registro e de comunicação já existentes no cotidiano dos serviços de atendimento e torná-los potentes como inscrição do que não se inscreve. Assim, dispositivos comuns às equipes, tais como prontuários, supervisões, reuniões, capacitações etc., que muitas vezes apenas estratificam posições, histórias e representações podem também se configurarem como espaços de criação e sustentação de um trabalho de historicização.

Esta construção de sentidos não é uma produção imediata, garantida ou infinita, mas deve ser buscada, encontrada, perdida e reencontrada, exigindo (re)construções constantes. Esta possibilidade destaca a criatividade, como saúde do processo de trabalho e como ruptura do curto-circuito do imediato-cronificado. Há, portanto, a necessidade da reflexão que leve à criação de ações que sejam únicas em cada relação.

Um tempo para perguntar-se...

FERREIRA GUEDES, C. & GHIRINGHELLO SATO, F. & HATAKEYAMA JOIA, J. ¿Cuánto tiempo de atención? La intensidad de los encuentros hasta la posibilidad de historización. INFEIES – RM, 4 (4). Debates Contemporáneos - Mayo 2015: <http://www.infeies.com.ar>

Sem pretender esgotar a temática ou reduzir a complexidade em que consiste o manejo das intervenções, buscamos, com esse texto, compartilhar as reflexões que a prática de trabalho nos impulsionou a pensar.

Sabemos que é tarefa praticamente impossível, no contexto institucional e no cotidiano de trabalho, sustentar um espaço de cuidado e reflexão que não seja atravessado pela apatia, pelo esquecimento ou atropelado pelo desespero. No entanto, a insistência na construção de espaços de reflexão e historicização se configura como saída para cuidar da exposição dos profissionais e do que neles ressoa no trabalho com essa população.

Para os profissionais poderem trabalhar pautados em uma postura ética, sem temer as afetações, é necessário que eles sejam respaldados pela garantia de um espaço (e de um tempo) aonde possam endereçar, compartilhar e refletir sobre a violência e a crueza das situações vividas, sobre a desproteção e a intensidade transmitida. Trata-se da necessidade de oferta de um espaço para a angústia, o conflito e o sofrimento, de modo que eles possam existir de forma legitimada e que, de alguma maneira, possam ser elaborados e transformados em instrumento de trabalho.

Estes espaços mostram-se indispensáveis também ao pensarmos no intercâmbio entre as instituições e em relação às políticas públicas. Referimo-nos à importância da criação de instâncias de reivindicação, de debates e de ações políticas que possam lutar por alternativas às diversas demandas. Da mesma forma, faz-se necessário problematizar a exigência protocolar de atendimentos em grande quantidade, de encaminhamentos e de resolutividade de situações, para poder trabalhar de forma menos reativa e mais pautada na singularidade de cada história.

Nesse texto, optamos por centrar a discussão na relação direta entre profissional e criança e adolescente. Porém, é preciso ressaltar também a importância de um olhar para o funcionamento das instituições, da rede de garantia de direitos da criança e do

FERREIRA GUEDES, C. & GHIRINGHELLO SATO, F. & HATAKEYAMA JOIA, J. ¿Cuánto tiempo de atención? La intensidad de los encuentros hasta la posibilidad de historización. INFEIES – RM, 4 (4). Debates Contemporáneos - Mayo 2015: <http://www.infeies.com.ar>

adolescente e das políticas públicas relacionadas. A temporalidade da urgência e da cronificação também não estaria presente neste campo em programas que se alteram, sem muito mudar (muitas vezes, apenas mudam de nome), ou que prometem uma solução rápida e eficaz para situações complexas?

Finalizamos esse texto, portanto, indagando sobre uma outra dimensão da questão sobre a temporalidade: em que medida a produção e a manutenção dos tempos da urgência e da cronificação estão relacionados ao próprio sistema de garantia de direitos e de políticas públicas?

Referências bibliográficas

Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente/ Conselho Nacional de Assistência Social. (2006) *Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária*. Brasília: Autor.

_____ (2008) *Orientações técnicas para os serviços de acolhimento para crianças e adolescentes*. Brasília: Autor

DOLTO, F. (1980) Prefácio. In: Mannoni, M. *A primeira entrevista em psicanálise*. (Pp. 9-30) Rio de Janeiro: Campus.

FÁVERO, E. T., VITALE, M. A. F., BAPTISTA, M. V. (orgs) (2008) *Famílias de crianças e adolescentes abrigados: quem são, como vivem, o que pensam, o que desejam*. São Paulo: Paulus.

FREUD, S. Recordar, repetir, elaborar (1974) In: _____ *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. Trabalho original publicado em 1914.

_____ (1974) Mais Além do princípio do prazer. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. Trabalho original publicado em 1920.

_____ (1974) Esboço de Psicanálise. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. Trabalho original publicado em 1938.

Lei Federal n. 8.069. (1990, 13 de julho) *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Brasília. Acessado em 03/06/2014. Disponível em:

FERREIRA GUEDES, C. & GHIRINGHELLO SATO, F. & HATAKEYAMA JOIA; J. ¿Cuánto tiempo de atención? La intensidad de los encuentros hasta la posibilidad de historización. INFEIES – RM, 4 (4). Debates Contemporáneos - Mayo 2015: <http://www.infeies.com.ar>

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm

Lei nº 12.594. (2012, 18 de janeiro) *Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo*. Brasília, DF. Acessado em 03/06/2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12594.htm

MARIN, I. S. K. (1998) Instituições e violência: violência nas instituições. In: Levisky, D. (Org.) *Adolescência: pelos caminhos da violência*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
_____. (2002) *Violências*. São Paulo: Escuta: FAPESP.

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. (2005) *Norma Operacional Básica/Sistema Único de Assistência Social (NOB/SUAS)* Brasília: Autor.

SELIGMAN-SILVA, M. (2008) Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. In *Psicologia clínica*, Rio de Janeiro, 20 (1), 65-82.

SILVA, E. R. A. (2004) O perfil da criança e do adolescente nos abrigos pesquisados. In E. R. A. Silva (Org.) *O direito à convivência familiar e comunitária: os abrigos para crianças e adolescentes no Brasil* (pp. 41-70) Brasília: IPEA/CONANDA.

WINNICOTT, D. W (2005) *Privação e delinquência*. Tradução Álvares Cabral; revisão da tradução Monica Stahel. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes. Trabalho original publicado em 1984.

ROSA, M. D. & BERTA, S. L. & CARIGNATO, T. T. & ALENCAR, S. (2009) A condição errante do desejo: os imigrantes, migrantes, refugiados e a prática psicanalítica clínico-política. In: *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.*, São Paulo, 12 (3), 497-511.